

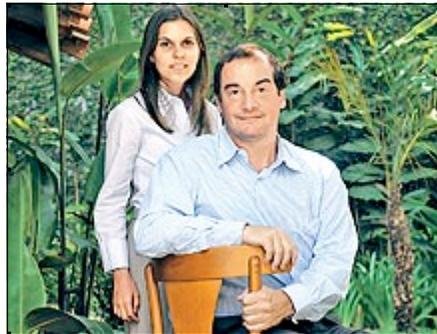
Estratégia: Sócios da Octante querem aproveitar as oportunidades em recebíveis imobiliários e do segmento do agronegócio.

Ex-integrantes da Mauá preparam fundo de crédito

Por Angelo Pavini e Luciana Monteiro, de São Paulo
07/01/2009

Indique | Imprimir | Digg | del.icio.us Tamanho da Fonte: a- A+

Marisa Cauduro / Valor



Martha de Sá e William Trosman, sócios da Octante Capital: crise trouxe oportunidades na renda fixa

Um dos sócios fundadores da Mauá Investimentos, ao lado do ex-Banco Central e ex-Gávea Investimentos Luiz Fernando Figueiredo, William Rozenbaum Trosman, está criando sua própria gestora, a Octante Capital. A empresa tem como sócia Martha de Sá, que cuidava da área de Novos Negócios da Mauá. Ambos deixaram a gestora em junho, em meio às dificuldades enfrentadas pela empresa. Apanhada pela turbulência dos mercados locais e internacionais, que dificultaram a vida dos fundos multimercados, a Mauá viu o seu patrimônio se reduzir drasticamente.

Trosman continua com uma pequena participação acionária na Mauá, mas pretende se concentrar agora na Octante, que terá como objetivo a estruturação de operações de fundos de investimento em direitos creditórios (FIDCs), títulos do agronegócio como Certificados de Direitos Creditórios do Agronegócio (CDCAs) e Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), e papéis imobiliários como Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs).

Até o fim do primeiro semestre do ano passado, havia uma grande oferta de recursos no mercado e qualquer empreendedor conseguia um financiamento via bancos, "private equity" ou debêntures. Existia uma grande oferta de recursos e apetite pelo risco também. "Uma companhia que quisesse comprar uma outra empresa maior que ela, caso da Vale com a Inco ou dos frigoríficos brasileiros com aquisições no exterior, via que o desafio maior era mais de gerenciamento do que propriamente de obtenção recursos para a compra", lembra.

Do dia para a noite, no entanto, a situação se inverteu e agora, as oportunidades vão existir, mas não haverá recursos suficientes para aproveitá-las, avalia. "Para cada dez boas oportunidades, haverá dinheiro para apenas três delas, e isso exigirá um exercício de adaptação grande", afirma Trosman. "Empresas, bancos e até as pessoas físicas terão de conviver com uma realidade de moeda escassa para crédito."

Embora a situação seja grave, a crise também abriu oportunidades, principalmente na área de crédito, avalia. Se há três ou quatro meses havia mais tomadores de risco, hoje faltam investidores para esses papéis. Por conta disso, o mercado de títulos de crédito privado tem crescido, apesar de ainda ser bastante pequeno em comparação a outros países, diz Trosman. "Há muitos vendedores forçados no mercado, ou seja, gente que precisa vender os ativos para fazer caixa para honrar resgates de fundos ou porque o potencial de risco do título piorou e ele quer buscar outros papéis", afirma. "Com isso, muitos

estão se desfazendo de ativos bastante interessantes."

Para esse mercado girar, no entanto, faltam recursos e é exatamente neste ponto que a Octante quer focar. As duas linhas principais da gestora devem ser o financiamento ao agronegócio e ao setor imobiliário, afirma Trosman. "São operações com vários benefícios, como trabalhar com garantia real e não ter imposto de renda para as pessoas físicas que investem nas operações", diz. A idéia é montar uma empresa que fará desde a originação dos ativos junto aos tomadores até a estruturação dos CRIs e das LCAs.

A idéia é também montar fundos para comprar os papéis, fazer as operações e vender os títulos para outros investidores. Entre os planos está um multimercado de crédito privado. "Poderia ser um FIDC, mas achamos mais adequado um multimercado porque ele pode revender os papéis", explica. O executivo observa que o interesse das pessoas físicas por papéis de crédito ainda está só começando, mas tende a crescer no longo prazo.

A gestora já captou os recursos para começar a operar e a idéia é criar um multimercado de crédito privado voltado apenas para investidores qualificados - aqueles com pelo menos R\$ 300 mil em aplicações, segundo o critério da CVM. Pelas regras do fundo, o investidor não poderá movimentar os recursos por pelo menos dois anos. No futuro, conforme o desempenho, a carteira poderá até ser aberta.

A intenção da gestora é empacotar os créditos na forma de CRI, LCA, Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRA), Cédulas do Produto Rural (CPR) e CDCA. Trosman lembra que o governo nos últimos anos vem tomando uma série de medidas a fim de beneficiar os setores imobiliário e do agronegócio. Há, por exemplo, benefícios fiscais para o investidor pessoa física, com isenção de Imposto de Renda sobre os ganhos em títulos ligados ao agronegócio ou ao segmento imobiliário. Após empacotados, esses papéis poderão ser vendidos diretamente para o investidor ou via "family offices" (gestão de grandes fortunas). Para realizar essa operação, a gestora pretende fazer a contratação de terceiros, como securitizadora, agente fiduciário e bancos para a oferta pública dos títulos.

E de onde vem o nome escolhido para a gestora? Octante foi o primeiro instrumento de precisão utilizado pelos navegadores para se localizarem no mar aberto. Ele mede a altura do sol, da lua e das estrelas em relação ao horizonte por meio de dois espelhos, e deu origem ao sextante.